

A identidade do “Outro” colonizado à luz das reflexões dos estudos Pós-Coloniais

Cleiton Ricardo das Neves¹
Amélia Cardoso de Almeida²

Resumo: O presente artigo contempla a construção e desconstrução da identidade do “Outro” colonizado vislumbrada por intelectuais como Homí.K.Bhabha, Frantz Fanon, Albert Memmi, V.S Naipaul, Spivak, Edward Said, dentre outros, através da ótica dos estudos Pós-coloniais. Para Bhabha, a representação da diferença não deve ser vista como reflexos de traços culturais ou éticos inscritos por meio de discursos e estratégias que tentam fixar por meio de binarismos excludentes a identidade do Outro. A mímica constituiu-se em uma estratégia ambivalente apropriada pelo colonialismo com o intuito de legitimar o discurso de superioridade do colonizador sobre o colonizado.

Palavras-Chave: Identidade; Mímica; Colonização

Summary: The present article include the construction and desconstruction of identity of the colonized other envisioned by intellectuals whit Homí K.Bhabha, Frantz Fanon, Albert Memmi, V.S Naipaul, Spivak, Edward Said, in the others, trough the optics of post-colonial studies. For Bhabha, the representation of the difference shoud not be seen as reflections of cultural traits or ethical entered through discouses and strategies attempting to establish by means of the exclusiornary binaries of the other`s identity. The mimicry was the appropriate ambivalent strategy of colonialism with the order to legitimize the discourse of superiority of the colonizer over the colonized.

Keywords: Identity; Mimecry; Colonization

Homí.K.Bhabha , teórico, crítico literário Pós-colonial, nasceu em Bombaim na Índia em 1949. Hoje leciona na Universidade de Harvard nos Estados Unidos. É professor de literatura inglesa e americana e diretor do Centro de Humanidades da mesma universidade. Ele próprio pode ser considerado um sujeito hibridizado do discurso Pós-colonial, constituindo se assim um ser hifenado portador de identidades duplas e pluralizadas.

Bhabha faz parte de uma corrente de pensamento denominada Pós-colonialismo. Esta corrente surgiu influenciada pelos Estudos Culturais e pela Crítica Literária acabou por se tornar uma forma singular de analisar a sociedade tendo em vista a crítica cultural.

¹ Cleiton Ricardo das Neves é Mestre em História pela UFG e coordenador do Grupo de Estudos em Teorias do Pós-Colonialismo da PUC-GO.

² Amélia Cardoso de Almeida é Graduada do sétimo período em História da PUC-GO e membro do Grupo de Estudos em Teorias do Pós-Colonialismo da PUC-GO.

* Artigo submetido em maio/2012, e aprovado por parecerista em jun./2012.

Percebe-se, portanto que os estudos Pós-Coloniais emergem sob a influência dos Estudos culturais, mas de certa forma se emancipando deste em função do seu objeto, qual seja, o mundo colonial. Grande parte da produção intelectual efetivada no seio da corrente pós-colonial é devedora dos “subalternity studies” que concentra boa parte da produção reflexiva a partir da Índia³. Isto, através da reflexão sobre a luta e a emancipação dos povos que viviam sob a tutela colonial, na Índia, África e Caribe. Aborda, sobretudo, questões de classe, gênero e raça, mas rejeitando as polaridades que explica a realidade do Outro a partir de categorias binárias, como podemos observar na obra de Edward Said (2003) intitulada *Orientalismo: “o Oriente como invenção do Ocidente”*. O referido pensador em outro livro intitulado *Cultura e Imperialismo* (2005) afirma que a luta no mundo colonial é complexa, e envolve muito mais do que armas e exércitos, envolve também “idéias, formas, imagens e representações” (SAID, 2005:38).

Edward Said, escritor palestino nascido em Jerusalém, é um dos autores fundantes do Pós-colonialismo na plataforma norte-americana, com sua obra *Orientalismo: “o Oriente como invenção do Ocidente”* publicada em 1978. Temos também as cooperações reflexivas dos indianos Gayatri Spivak, P.Chatterjee, H.Bhabha e R. Guha, dos latino-americanos Aníbal Quijano e Walter D.Mignolo. No Caribe o Pós-Colonialismo é encenado por Frantz Fanon, Aimé Césaire, Édouard Glissant, Fernando Ortiz e Roberto Fernández Retamar.

Said em seu *Orientalismo: “o oriente como invenção do Ocidente”* propõe a desconstrução da interpretação que o Ocidente faz do Oriente. Este é caracterizado pelo Ocidente a partir de uma visão etnocêntrica, na qual o europeu/Ocidente representa a civilização e o não europeu representa o não civilizado.

O principal objeto de investigação dos Estudos Pós-coloniais é a literatura escrita durante e após a ocupação colonial, e como a sociedade é representada nela. Essas obras literárias utilizadas pelos estudos Pós-coloniais foram produzidas por autores que atuavam nas regiões que foram colonizadas, como a Índia, Ásia, África, Caribe e América, sejam na condição de defensores das metrópoles e suas representações ou mesmo na condição de defensores dos colonizados e de suas

³ O grupo intitulado Estudos Subalternos é assim denominado porque produzem suas reflexões a partir do marginalizado, do subalterno, o projeto desse Grupo é o de repensar a historiografia indiana a partir da desconstrução da visão elitista produzida pelo colonizador acerca da história indiana. Neste grupo se encontram Spivak, Guha, dentre outros.

expressões culturais. Analisam os efeitos políticos, sociais e principalmente os efeitos identitários que os países colonizados sofreram mediante o processo de colonização e descolonização. Através da literatura, narram e problematizam ainda que ficcionalmente os aspectos culturais herdados da cultura colonizadora, e a partir dessa percepção, as narrativas pós-coloniais vislumbram a construção de novos valores para se pensar a identidade do colonizado, minimizando as influências das nações imperialistas.

Segundo Thomas Bonnici (2000) o desenvolvimento da literatura pós-colonial se dá gradualmente. Primeiro havia as obras literárias produzidas por viajantes a serviço do colonizador, num segundo momento se percebe obras produzidas por nativos que haviam sido educados na metrópole, mas estes ainda não possuíam consciência autônoma, pois escreviam de acordo com o cânone literário da cultura colonizadora. Nessas leituras as diversas formas de alteridade: racial, cultural e histórica, foram marginalizadas, pois as mesmas se ocupavam da marginalização da diferença, constituindo-se o modo de representação da alteridade.

Por último, houve a fase da tomada de consciência nacional, de ruptura com os padrões estabelecidos pela metrópole. Principalmente superando o Binarismo europeu construtor de ideologias que excluem o Outro colonizado. Nessa ideologia excludente, tipicamente europeia, os termos bom, verdade, masculinidade e branco formam o centro privilegiado em detrimento dos termos mau, falsidade, feminilidade e preto que formam a periferia, os excluídos.

Em *O local da cultura* (1998) Bhabha problematiza sobre a construção e a desconstrução da identidade do Outro através dos Estudos Pós-coloniais. Argumenta sobre o modo como o Outro colonizado é caracterizado pelo discurso do colonialismo Europeu, ou seja, de forma depreciativa. O colonizado é apresentado pelo colonizador como uma população degenerada, e com bases em teorias raciais o colonizador justifica a conquista de uma nação em todos os seus aspectos sociais e culturais. Para Bhabha a mímica constitui-se em uma das estratégias mais ardilosas e eficazes do poder e do saber colonial, pois se mostra ao Outro, como fonte de inspiração para a imitação, a cópia e conseqüentemente para a relativização da cultura subalterna.

Albert Memmi é um escritor e ensaísta que nasceu em Tunís, na Tunísia, em 1921. Em 1973, após emigrar para a França e adota a nacionalidade francesa, participou ativamente das lutas pela independência de seu país. Em 1960 publica sua obra

intitulada “*Retrato do colonizado precedido de Retrato de colonizador*” que foi lançada no Brasil em 2007. Através dessa obra Memmi nos apresenta como o colonizador retrata o sujeito colonizado, considerando-o como um preguiçoso e principalmente um débil, sendo assim necessitam de proteção daqueles considerados aptos para exercerem o poder, sugerindo que os próprios colonizados se acham incapazes de se autodirigir a ponto de realmente querer que os colonizadores exerçam as funções de dirigentes. Mas o que de fato acontece é que não existe entre os colonizados a tradição de governar, pois são afastados do poder e, portanto, não se interessam pelo que são em tempo todo tolhidos e impossibilitados de atuar. O colonizado é retratado ao mesmo tempo como mau, preguiçoso e retardado, não é reservado a este o direito a algum adjetivo que o qualifique como ao menos parcialmente bom, ou seja, o colonizado poderia ser preguiçoso, mas poderia ter outras qualidades, mas é negado a ele o direito de ser e possuir algum traço positivo em sua personalidade.

O que marca essa despersonalização do colonizado é a coletivização desses indivíduos por meio do colonizador. Não são vistos como indivíduos, são vislumbrados a partir de um corpo coletivo, o ser não é considerado em sua particularidade ou individualidade, mas se perde na massa coletiva de colonizados. Nessa perspectiva o colonizado é quase um não humano, tende a se tornar rapidamente um objeto: “No limite, ambição suprema do colonizador, ele deveria passar a existir apenas em função das necessidades do colonizador, isto é transformar-se em colonizado puro” (MEMMI, 2007:124).

O colonizador precisa de objetividade e legitimidade, e para que esta seja completa é necessário que o colonizado se aceite como tal. E como lhe é negado o direito de liberdade de escolha, o colonizado não dispõe de outra saída, acaba aceitando a imagem que o colonizador faz de si, contribuindo ainda mais para legitimar esse retrato que o colonizador faz de si. Nesse sentido há a adesão do colonizado à colonização (MEMMI, 2007:123).

Contrapondo-se a essa visão homogênea do discurso colonial em que o colonizado é considerado um mero corpo coletivo, Memmi descreve as diversas categorias do ser colonizado para mostrar que dentro de uma nação colonizada há diferentes seres colonizados, tais como: a criança colonizada que representa a continuidade do pai, e este como não desfruta de nenhum direito enquanto cidadão dentro de sua própria pátria, não possui esperança de que seu filho se torne no futuro um

ser com todos os direitos à cidadania; Há aqueles jovens colonizados que migram para a metrópole para se educarem lá, e depois retornam a colônia pensando serem superiores aos demais colonizados. Há também os escritores coloniais, sua situação representa o um verdadeiro contraste cultural, pois se escreverem em sua própria língua, estará escrevendo para um público quase inexistente, pois poucos são os colonizados que são letrados, sendo assim são condicionados a escreverem na língua do colonizador.

Seguindo esta linha de pensamento, temos Frantz Fanon, psiquiatra, escritor e ensaísta martinicano. Nasceu em 1925 e atuou ativamente ao longo de sua vida na luta pela independência da Argélia. Em sua obra *“Pele Negra Máscaras Brancas”* publicada no Brasil em 1983, fala sobre as diversas categorias do ser colonial, dentre elas temos o retrato da mulher negra e a mulata. Enquanto a negra tem como único objetivo diante do europeu embranquecer, a mulata não quer somente embranquecer, quer evitar a regressão. Pois esta já não é tão negra, sendo assim não se relaciona com homens negros, estão sempre em busca de homens brancos quando vão procriar, uma vez que se tiverem filhos com homens brancos estariam evoluindo no sentido de se aproximar mais do ideal-tipo – o branco e por outro lado se tiverem filhos com negros estarão regredindo (FANON, 1983:47).

Outra grande contribuição para a análise de como o Outro é desconstruído na perspectiva pós-colonial é a indiana Gayatri Chakravorty Spivak. Spivak é uma teórica e crítica literária que nasceu em Calcutá na Índia e que atua como professora do Departamento de Inglês e Literatura Comparada da Universidade de Columbia, Nova Iorque. Em 1985 publica o artigo *“Pode o subalterno falar?”*, que foi lançado no Brasil em 2010. Nesse artigo Spivak lança a discussão sobre os intelectuais que falam ou representam o ser colonizado, o subalterno. Segundo a autora nessa representação o ser colonizado visto como um corpo homogêneo não possui voz ativa, ou seja, não fala por si mesmo, mas sim através dos intelectuais que constroem a identidade desse “Outro” subalterno e colonizado. Somente o fato da Europa através de seus intelectuais caracterizarem o sujeito colonizado como o “Outro”, aquele que está as margens do europeu já constitui uma violência clara nesse modelo de representação, tal como diz Spivak:

O mais claro exemplo disponível de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se constituir o sujeito

colonial como Outro. Esse projeto é também a obliteração assimétrica do rastro desse Outro em sua precária subjetividade. (SPIVAK,2010:47)

Segundo Spivak a vida do subalterno colonial é inequivocamente tensa e desesperadora, mas a autora chama a atenção para uma situação ainda mais desesperadora, que é a do sujeito mulher, negra, pobre e claro, colonizada. Dessa forma está envolvida ainda mais que o sujeito subalterno masculino, uma vez que além de submeter ao colonizador ainda deve obediência ao pai ou ao marido, se submetendo também ao sistema patriarcal, sendo assim subalterna do subalterno como assinala autora: “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010:67).

Para Spivak o papel dos intelectuais não deve ser o de representar ou falar pelo sujeito subalterno, eles devem abrir espaços para que eles possam falar e mais do que isso, que possam ser ouvidos, pois não resolverá o problema se estes falarem e ninguém os ouvir. Nesse sentido a autora conclama principalmente as mulheres intelectuais, não para que essas representem as demais mulheres, mas para encontrar meios eficazes em que essas sejam ouvidas e se auto-representem.

Na busca pela inserção na cultura do colonizador o subalterno torna-se imitador, produzindo e reproduzindo imagens de si mesmo baseando-se nos valores culturais e sociais da cultura dominante. A esse processo de imitação Bhabha afirma:

A mímica surge como objeto de representação de uma diferença que é ela mesma um processo de recusa. A mímica é assim o signo de uma articulação dupla, uma estratégia complexa de reforma, regulação e disciplina que se “apropria” do Outro ao vislumbrar o poder. (BHABHA, 1998: 130).

A mímica é utilizada pelo colonizador como mecanismo de garantir-se no poder. Para que isso ocorra o meio mais eficaz é impor-se culturalmente ao Outro provando sua “superioridade” cultural e racial. Tal imposição é efetivada de diversas formas, mas a título de exemplo podemos citar dois casos específicos de doutrinações, que são a tradução da Bíblia para o idioma dos colonizados e o ensino da língua do colonizador nas escolas coloniais. Assim sendo, a mímica representa o desejo do colonizador sobre o Outro. Permite que haja imagens de si mesmo, mas uma imagem imperfeita, pois o

próprio colonizador recusa essa diferença como sendo parte dele, ou seja, o Outro nunca será de fato como o colonizador. A mímica representa a ambiguidade da existência do Outro mediante o colonizador.

Segundo Fanon através da observação da situação do negro perante o colonizador europeu, é possível perceber claramente a ambivalência da mímica projetada sobre o Outro através de estruturas racistas. A alteridade é impregnada na mente do negro no sentido de dizer que o Outro do negro não é o negro e sim o branco. Daí o negro antilhano se vê como um branco, passa acreditar que é um branco. Mas quando esse negro é confrontado com seu “Outro”, o europeu, é como se sua negrura ressurgisse. Logo, este existe mediante o olhar do Colonizador e é um “ser para um Outro”, como diz Fanon: “A questão não é ser negro, mas sê-lo diante do Branco” (FANON,1983: 90).

Para Fanon essa existência do negro para o europeu se dá porque o negro está inserido dentro de um sistema colonial que afirma a superioridade da raça branca sobre a negra. Nesse momento deixa de agir como elemento acional, sua ação se dá mediante o que o branco pensa sobre ele. Se o branco não valoriza o negro, o negro confirma sua inferioridade. Nega sua existência enquanto negro. E a única saída é o negro se conscientizar que há outras formas de existir diante da dessa mentalidade introduzida ao negro, qual seja, a de que deve se branquear ou desaparecer. De acordo com Fanon como o branqueamento não ocorre, o negro deve se assumir como negro combatendo essas estruturas de cunho racista. Mas observação, lutar contra as estruturas racistas não é desenvolver um racismo vingativo contra o branco, ao contrário, pois na concepção de Fanon adorar o negro é tão doentio quanto odiá-lo. É por isso que a pretensão de Fanon em sua obra *Pele Negra Máscaras Brancas* é libertar os indivíduos envolvidos na teia colonial de suas concepções essencialistas, ou seja, libertar o negro de sua negrura, assim como o branco de sua brancura. Seria uma libertação das concepções de diferença essencial, assim como de sua consequência cultural, a imitação, a vontade de ser branco em todos os aspectos. Segundo Bhabha essa é a ambivalência e deslizamento produzido pela mímica. O ser colonizado se torna o sujeito de uma diferença em que é “quase o mesmo, mas não exatamente”, o que significa que o colonizado pode incorporar todos os elementos da cultura colonizadora, mas nunca será como um deles. A mímica é uma imagem imperfeita, pois a própria imagem física do colonizado o denuncia aos olhos do colonizador. Pode no máximo ser culturalmente

como um deles, mas seus traços físicos o denunciam e o coloca em uma zona de desconforto, pois fisicamente sempre será um nativo, um não europeu, o não branco.

O deslizamento produzido pela mímica faz com que nessa busca por se parecer com o colonizador o sujeito colonizado assimile a tal ponto a cultura do colonizador, que acaba não se identificando mais com seu próprio país, com sua própria cultura. Mas paradoxalmente, nunca será como o colonizador, pois estes o rejeitam e o colocam na condição de colonizado. Esse ser não se encontra mais pertencente a nenhum lugar, está como diz Bhabha no “Entre-lugar”, não é um europeu e nem mesmo um indiano, não é nem um nem outro. É um ser inclassificável que perdeu a essência de sua própria cultura, sua própria identidade ao tentar se apropriar de algo considerado superior que é a cultura da metrópole.

Spivak dialogando com R. Guha propõe uma estratificação que descreve a produção social colonial, através de quatro grupos: 1º Grupos dominantes estrangeiros, 2º Grupos dominantes nativos em toda Índia, 3º Grupos dominantes nativos regionais e locais, estes três primeiros grupos fazem parte da elite, sendo que o 4º Grupo constitui-se o “povo”, esses apesar de não serem homogêneos como evidencia Spivak, representam a totalização dos subalternos em relação às demais categorias assim como o terceiro e o segundo grupo que são também subalternos dos dominantes estrangeiros. Segundo Spivak, os dominantes nativos regionais e locais se definem também como seres que estão no “entre-lugar”, pois funcionam como intermediários entre o “povo” e as duas classes que estão no topo da pirâmide. Dessa forma, ao mesmo tempo em que domina os que são inferiores a ele é dominado pelos grandes grupos que lhes são superiores.

A mímica através de seu deslizamento “quase o mesmo, mas não exatamente”, significa semelhança e ameaça, pois o colonizador para legitimar seu poder e influência precisa levar sua cultura para a colônia se apresentar como superior, mas essa incorporação da cultura colonizadora não deve ser total, é parcial, pois os nativos nunca renunciam inteiramente a suas práticas culturais e ainda que queiram ser como os colonizadores, efetivamente não conseguem, pois não são completamente aceitos entre os colonizadores. O colonizador precisa que o “Outro” apreenda seus costumes, mas a finalidade não é fazer com que eles se tornem um deles, e sim torna-los seres mais fáceis de serem dominados. É necessário que sejam parcialmente doutrinados segundo

os ensinamentos da Metrópole, para que o colonizador não corra o risco de um dia perder seu posto, evitando assim alianças perigosas entre colonizador e colonizado.

Bhabha nos apresenta como exemplo dessa ameaça e deslizamento produzido pela mimica a própria Inglaterra que se via ameaçada a todo o momento por revoltas dos nativos, seria necessário que esta também produzisse uma imagem de si mesmo a fim de provar sua superioridade cultural. Vejamos a título de exemplo o fato de a rainha Vitória quando proclamada Imperatriz da Índia exercia o poder de forma autoritária e opressora ao mesmo tempo em que na Europa a Inglaterra se auto-determinava como nação democrática e liberal. É o colonizador produzindo uma mímica de si mesmo para se assegurar no poder. Bhabha denomina esse processo de “paranóia do poder colonial”, o medo que o colonizador tem de um dia o colonizado vir a ocupar seu lugar.

Frantz Fanon denomina como o sonho de inversão de papéis, pois há uma troca de olhares entre o nativo e o colonizado. Quando os dois olhares se encontram o colono vê e se conscientiza com amargura e sempre na defensiva que os colonizados querem tomar seu lugar. E isso é verdade, pois não há um nativo se quer que não pense pelo menos uma vez por dia em ocupar o lugar do colonizador. É sempre em relação ao lugar do Outro que o desejo colonial é articulado. A fantasia do nativo é precisamente ocupar o lugar do seu senhor. O colonizado acredita que sua cultura é ruim e busca no colonizador a imagem perfeita para se imitar.

Bhabha fala sobre alguns símbolos mencionados acima que são utilizados como instrumentos de catequização dos nativos. Como a Bíblia traduzida para a língua nativa que é recepcionada pelos nativos como algo que os colonizadores fizeram em seu benefício, pensam na bondade dos colonizadores de ter traduzido a Bíblia para o hindu só para que eles a compreendessem. Não pensam que mesmo sendo traduzida continua sendo um livro inglês, utilizado como elemento de catequização e doutrinação dos nativos.

A Bíblia é também considerada como um elemento de Tradição, pois se um nativo recebe uma Bíblia e a lê por algum tempo, pode se tornar ou não um cristão, mas acontecendo que essa Bíblia permaneça com ele até sua morte e seu filho a encontre, crendo que seu pai não deixaria nada de inútil ou ruim em sua casa, examinará a Bíblia, compreenderá seu conteúdo e concluirá que seu pai a deixou para ele, expressando assim o desejo de que ele se tornasse cristão.

A construção da consciência colonial se dá através de uma maciça propaganda ideológica da metrópole, sendo que o ser colonial é preparado desde que toma consciência de seu lugar no mundo a sonhar em ser o colonizador, em estar no lugar irradiador das idéias, no centro do mundo, em suma, na Europa e mais especificamente para o personagem de Naipaul, na Inglaterra. No entanto, quando este indivíduo colonial vai para a metrópole que ele acredita ser seu lugar, sua “comunidade imaginada”⁴, ele descobre a verdade sobre o a ambivalência do discurso colonial. Isto gera crise identitária, pois na metrópole não lhe é permitido nenhuma integração, não existe a idéia de comunidade, de coletividade, ao contrário, como diz Naipaul “na cidade, mais do que em qualquer outro lugar, percebemos que somos indivíduos, unidades [...] nesta cidade tão sólida, a vida era uma coisa bidimensional” (NAIPAUL, 2003: 22,23). A bidimensionalidade é que passa ser algo intrínseco ao ser colonial, pois quando ele descobre a falácia do discurso que assimilou ao longo de sua existência, isto gera o vazio, gera a instabilidade, a crise, o desespero. Se tudo o que se tinha de colonial era ruim e agora se descobre que a imagem que havia sido construída do colonizador também não era boa, como fica esse ser em crise? Ora, o autor de *Os Mímicos* não nos tranquiliza, ao contrário, ele demonstra a tragédia psicológica que se materializou neste ser colonial, pois se a decepção foi enorme ao se deparar consigo mesmo na metrópole, sua reação ao voltar à sua ilha não foi mais animadora, a ilha que inicialmente aparenta beleza e prazer rapidamente se transmuta em outras sensações. O personagem narrador de *Os Mímicos* afirma:

vi através de todas as vigias o azul, o verde e o dourado da ilha tropical. Tão pura e fresca! E eu sabia o quanto ela era horrivelmente artificial; exaurida, fraudulenta, cruel e, acima de tudo, um lugar que não era meu [...] voltar tão cedo para uma paisagem que eu julgava ter expulso de minha vida de uma vez por todas era um fracasso, uma humilhação(NAIPAUL, 2003:62,63).

Diante dessa crise de identidade em que o Outro colonizado se encontra após tentar existir para outro, a ponto de ser necessário o olhar do colonizador para dizer a esse colonizado o que ele é e como será a identidade deste colonizado que agora se encontra no “entre-lugar”, nesse espaço onde ocorre o deslizamento contínuo da

⁴ Este termo foi cunhado por Benedict Anderson em seu livro *Comunidades Imaginadas: Reflexões Sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo* (2005) e faz referência à forma como se constrói a idéia de pertencimento em um determinado espaço, geográfica e culturalmente definido.

identidade do ser? A saída apontada por Bhabha para essa crise e perda de identidade é lembrar-se de como o colonizado era antes da colonização, seu passado de escravidão e luta. A lembrança não é para resolver os conflitos identitários do presente, pois não será possível fazer o passado ressurgir, mas para que haja a construção de algo novo, diferente do passado e também distinto do que a cultura colonizadora propõe. Não deve haver o esquecimento e sim conscientização desse passado. A partir disso, então, construir um novo lócus de enunciação do ser híbrido e inclassificável que está à deriva no “entre-lugar”. Se conscientizar de que nunca será como o colonizador.

Através da expressão “fixidez deslizante” Bhabha caracteriza a identidade do ser colonial. Ela é fixa porque conota algo fixo imutável que sempre existiu de forma coesa. Mas ao mesmo tempo a identidade na modernidade se insere através de um processo de construção e desconstrução contínuo. Bhabha não propõe uma terceira opção entre o fazer parte da cultura do colonizador ou do colonizado. O que se almeja é a possibilidade de deslizamento contínuo das diversas categorias que esse novo ser venha a formar.

Stuart Hall um dos inauguradores dos Estudos-culturais também percebe a identidade assim como Bhabha numa perspectiva moderna, como uma categoria em que os indivíduos que antes eram vistos como sujeitos unificados, agora são fragmentados. O ser é continuamente deslocado do seu lócus social e cultural. Essa crise de identidade que perpassa o ser colonizado sempre existirá, já que a identidade agora é concebida como algo a ser pensado e repensado continuamente.

Assim sendo, esses seres inclassificáveis devem vislumbrar a construção de uma nova identidade, mas não concebida como algo essencialista, unitário, monolítico, é algo que deve estar sempre em processo de construção, de readaptação, de assimilação de valores. A alteridade não deve ser negada e sim negociada, mas distante de discursos binários tal qual o Ocidente vislumbra.

Referências bibliográficas:

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões Sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

BHABHA, Homí.K. *O local da cultura*. Trad: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. *O Pós-Colonialismo e a Literatura*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2000.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad: Adriano Caldas. Rio de Janeiro, Ed: Sindicato nacional dos Editores e Livros, 1983.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro, Ed: DP&A, 2005.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador*. Trad: Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Editora: Civilização Brasileira, 2007.

NAIPAUL, V.S. *Os mímicos*. Trad: Paulo Henriques Britto. São Paulo: Planeta De Agostini, 2003.

SAID, Edward W. *Orientalismo: “o Oriente como invenção do Ocidente”*. Trad: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Trad: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SPIVAK, Chakravorty. Gayatri. *Pode o subalterno falar?*. Trad: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.